

## velhotes da harmonia<sup>1</sup>

rené schérer

Aquele que tiver a curiosidade de abrir o pequeno tratado de Cícero intitulado *De senectute* (*Da velhice*), dedicado aos últimos anos da vida de Catão — que morreu aos 85 anos e aprendeu grego aos 80 — encontrará ali, entre outras honras que o exemplo ilustre do severo estoico permite conceder ao acúmulo dos anos, particularmente aquela que consiste em atenuar o impulso amoroso, a seiva erótica e a lubricidade, além de aumentar, consequentemente, o tempo livre consagrável a atividades mais úteis que o amor.

Essa ideia luminosa, essa inversão de valores na hierarquia que valoriza a juventude, fazendo da maturidade

*René Schérer é Professor Emérito em Filosofia da Universidade Paris 8 e autor de extensa obra, destacadamente dedicada a Charles Fourier, à questão da infância e à proposição de um “anarquismo filosófico”. No Brasil, conhecemos até agora apenas alguns artigos e entrevistas recentemente publicados, além do livro *Infantis: Charles Fourier e a infância para além das crianças* (tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira, Autêntica, 2009) e *Coir, álbum sistemático da infância*, escrito em coautoria com Guy Hocquenghem (tradução de Eder Amaral, no prelo). Contato: ederamara@uesb.edu.br*

um apogeu, tornou-se lugar comum no pensamento clássico. Censores de costumes como o foram, Catão e Cícero inauguram, ou ao menos demarcam uma tradição de hostilidade ao desfrute do corpo, por acreditarem que isso fosse um entrave ao exercício do espírito. É preciso gozar o menos possível, o desejo é um mal. Nessas condições, seria ilógico lamentar-se da sua minguada.

A filosofia é o apanágio dos velhotes e filosofar consiste, desde a juventude, em se antecipar como já velho.

Nem é preciso dizer que, com Fourier<sup>2</sup>, abordamos a velhice por uma ótica totalmente distinta. O utopista inventor da *Harmonia* através da atração *apaixonada* de um *novo mundo* ao mesmo tempo industrial e *amoroso*, cujo princípio é o livre exercício e o impulso de todas as paixões, torna derrisória a consolação estoica. No entanto, não é porque ele desconsidere a ideia de que a velhice possa se tornar “a mais bela idade da vida”; contudo, se Fourier também se opõe à opinião corrente, é a partir de uma reviravolta de interpretação em relação a Cícero. Lançando mão de um estratagema que lhe é habitual, ele opera uma reversão do problema e maneja o paradoxo.

Essencialmente ele dirá: não há dúvida de que o velho, privado de prazeres e desejos, sofre menos desta privação que do isolamento que a ela se segue. Mas não se trata de consolá-lo pela satisfação, em tudo ilusória, que ele encontraria num pretense abandono dos impulsos eróticos. Trata-se, muito pelo contrário, de especular sobre aquilo que, nele, não deixa de ser uma paixão cardinal incoercível e de saber como não a tamponar mediocrementemente, como atingir em cheio sua satisfação, diversificá-la, expandi-la. Trata-se de saber como restituir aos velhotes prazer e desejo.

De descobrir o meio de torná-los o que a civilização lhes priva ao colocá-los à parte da sociedade dita “ativa”. Não somente de torná-los o que quer que seja, mas garantir que a velhice seja a categoria mais invejada da Harmonia, tendo em vista as vantagens e prerrogativas de que se beneficiará nesta nova ordem orientada pelas atrações. De fazer com que ela seja cobiçada e solicitada. Paradoxo de antecipação da idade, contanto que os velhotes vejam suas paixões reconhecidas e impulsionadas.

Pois sabemos como, ao mais baixo preço do melhor mercado possível, pode-se dizer que nosso tempo de civilização perfetibilizada tem se dado conta, apesar de tudo, que nas pessoas de idade o desejo está longe de perecer, posto que atinge seu vigor; sabemos bem de que maneira esta sociedade perfeccionista, que é a nossa, aborda o problema e procura resolvê-lo. Hoje, respeitam o desejo do “velho”, chegam até a encantar-se com seus amores. Desde que isso se passe entre eles. Um casal de oitenta anos, que coisa admirável! “A mulher papoula” de Noëlle Châtelet, chegando aos oitenta com os encantos enrugados, o corpo minguando, se envolve com um octogenário cujas vantagens físicas igualmente declinam e faz amor com ele. Que coisa admirável! Nossa moral social pode imediatamente integrar e incensar tudo isso. Mas que o mesmo “velho” ou a mesma “velha” sintam e reivindiquem paixões que os arrastem ao frescor da juventude e da adolescência, aí mora o escândalo e o que, senão nos costumes, ao menos nos julgamentos públicos, nossa “razão julgadora” não poderia tolerar. Cada classe etária entre si. Tal é a palavra de ordem do amor civilizado.

Que me compreendam bem: não digo que esta obra de Noëlle Châtelet e a peça de teatro que dela deriva não

sejam belas, verdadeiras, convincentes, tampouco que inexista amor possível entre sexagenários (e além deles). Nada disso, absolutamente. Mas é impossível afirmar que, no caso dessas ligações, seja a atração física que as conduz ou, no que concerne a esta mulher “papoula”, crer que um parceiro atlético, na plenitude corporal dos seus encantos, não tivesse exercido sobre sua amante mais atração, nem estivesse em mais condições de satisfazer sua sensualidade. Ora, Noëlle fala bem de uma sedução acima de tudo física, e insiste sobre “o efeito sensual” em ambos. Ao passo que, obviamente, se um amor brota entre sexagenários, ele passa ao largo do físico, não começa pela atração sensual, mas, sem dúvida, por uma outra forma de charme. O que, de resto, tem suas próprias vantagens e pode mesmo ser preferível. Porém, ao confundir esta forma com a que resultaria da atração induzida por um corpo bonito e jovem, nos deparamos com a mistificação; dissimulação de outro desejo, confusão de duas atrações. A moral civilizada, rica em truques baratos, transforma em satisfeita uma resignada. Finalmente, esta apologia dos amores entre velhos não passa de uma justificativa moral para certa forma de mutilação do desejo, o elogio da renúncia.

Sim, subordinação do erotismo à moral. À moral civilizada onde o interdito maior é a mistura e a confusão das idades.

Entre os modernos, apenas Gabriel Matzneff — comentando Cícero, muito próximo a Fourier — soube falar com inteligência da contradição do sábio latino que, enquanto elogiava a abstinência da velhice, obedecia cegamente ao amor pela jovem Publilia, na época com 14 anos<sup>3</sup>.

Como acabo de dizer, a concepção de Fourier produz um efeito em tudo distinto. Já o abordei a respeito da renúncia estoica. Agora, tratarei da renúncia à juventude.

De uma certa maneira, o “novo mundo amoroso” (não somente o livro que leva este nome, mas tudo o que é esboçado em diversas ocorrências na obra de Fourier) converge absolutamente para a satisfação da velhice. Como Daniel Guérin viu bem, tudo parece feito para ela. Não que se trate de uma sociedade “velha”, mas, ao contrário, porque as diferentes classes de velhos, *reverendos*, *patriarcas*, *veneráveis*, sempre aparecem associados a grupos de classes mais jovens e são indissociáveis de seu funcionamento.

A ordem harmônica de Fourier não é igualitária, isto é, niveladora; ela faz intervir diferenças em todos os níveis de agenciamento, e a mistura constante das idades é um dos aspectos dessa dissimetria dinâmica. Pois de modo algum ele concebe a possibilidade de que a satisfação sensual dos velhotes atinja o auge do gozo ao transarem entre eles. Que a cada um se destine sua velhota ou velhote correspondente: não por acaso, esta é a única combinação considerada possível na civilização. Onde o amor é exclusivo, ele se concentra num só ser, forma um único casal, que acumula todas as funções, ao mesmo tempo “material” e “espiritual”.

Porém, basta que os amores sejam múltiplos, que não haja apenas um amor em número e gênero, para que se possa conceber muito bem, simultaneamente, uma plena satisfação material e espiritual; basta que não se concentre sobre o mesmo parceiro, a mesma pessoa. Para isso, é necessário inventar novos agenciamentos.

Arranjos de idade<sup>4</sup> que se substituam ao “dispositivo de sexualidade”, que normaliza nossa ordem social, o qual Michel Foucault tão bem descreveu em *A vontade de saber*. Se ele não engendra a paridade das idades, nada impede que esta esteja implícita em todos os níveis das regras que organizam o casal e a “pedagogização integral” do sexo em seu funcionamento. A diferença de idade aí aparece como uma forma de incesto, tão proscrita quanto ele.

Em contraste com esse dispositivo de poder, todo *O novo mundo amoroso*, para empregar a expressão deleuze-guattariana perfeitamente adequada aqui, é construído sobre os “agenciamentos de desejo”, que tem como correspondente — e certamente é uma nova linguagem que desencadeiam — os “agenciamentos coletivos de enunciação”.

Palavras bárbaras (ou pedantes, o que dá no mesmo)? De jeito nenhum! Pois o que é nosso “amor”, que cremos tão intimamente sentir, independentemente de toda influência exterior, senão um agenciamento de enunciação? E, antes de qualquer coisa, coletivo. Pois este amor exclusivo, centrado sobre uma única pessoa, não é nada “nosso” — e com certeza jamais o inventamos sozinhos. Ele é, como também podemos dizer, fato de civilização, fato histórico, induzido, herdado.

Em resumo — e Fourier não perde a chance de também brincar com isso —, um estudo antropológico comparado bastaria para demonstrar os prejuízos e desmontar a farsa. As evidências dizem que somos polígamos e versáteis. A única diferença mais essencial entre esta evidência comumente compartilhada e aquela proposta pelo *novo mundo amoroso*, é que nós só toleramos

a ostentação da versatilidade e da poligamia na ordem das sucessões temporais, enquanto que Fourier imagina seu funcionamento na ordem das simultaneidades.

Aí está seu golpe de força, seu escândalo. Em *Teoria dos quatro movimentos*, de 1806, ele diz que “toda mulher poderá ter ao mesmo tempo um esposo, um genitor, favoritos efetivos ou passageiros etc.”. Condição do princípio da liberdade amorosa.

Entretanto, aqui se trata apenas das atrações espontâneas ou “diretas”. Outro passo será dado com a difusão da paixão “amor” em si mesma, na simultaneidade das relações.

Em Fourier, isso tem um nome preciso: os “envolvimentos”<sup>5</sup>. Os *envolvimentos de amor*: o que isso quer dizer, o que isso implica? Eu diria imediatamente que é através deles que, antes de tudo e em grande parte, é construída a possibilidade de trazer uma plena satisfação amorosa à velhice, assim como, aliás, a todos os despojados e desfavorecidos em seus corpos.

Trata-se aí de um ponto fundamental e muito mal compreendido — ou, antes, jamais admitido — pelos leitores e mesmo pelos sectários de Fourier. Pois é o ponto por excelência transgressor e escandaloso de sua tese, em que ela se opõe ao máximo aos princípios morais e personalistas da civilização, às suas pretensões progressistas ou seu “perfetibilismo”, como ele prefere escrever.

Para apoiar minha exposição, eu me contentarei em me referir ao exemplo cristalino de envolvimento amoroso dado por Michel Butor num artigo sobre Fourier em *Cahiers du chemin*, em 1972, no parágrafo intitulado “o

feminino”. Passagem de tal modo convergente com as minhas palavras que Butor a apresenta como tendo sido alvo de uma censura de publicações fourieristas em *La Phalange* (precisamente, a segunda edição de *O novo mundo industrial*, datada de 1845, suprimiu este exemplo de uma conjugação amorosa dissimétrica, obtida por envolvimento amoroso, e as edições Anthropos se contentaram em reproduzir esta segunda edição, enquanto que Butor restitui o texto original de 1829).

Seria preciso citar na íntegra este texto essencial que explica como o envolvimento tem por função vencer as “antipatias” naturais entre juventude e velhice e garantir simpatia e harmonia aí mesmo onde elas não existem. Devo aqui resumir, atendo-me ao principal. Trata-se de Urgèle, mulher de 80 anos, que ama o jovem Valère, de 20. Todo o problema consiste em saber como pode ser superada esta repugnância. O que se dá pela oposição de outros laços, mais fortes que isso, pela entrada de outras paixões no jogo: amizade e ambição; antes e desde sua infância, Valère desenvolveu todos os seus talentos (a horticultura, as artes de florista), sob as instruções de Urgèle, estabelecendo-se entre eles laços de amizade. E como aspira a altas posições nos “exércitos industriais”, o jovem se beneficia da proteção da velha, que ocupa o posto de “hiperfada” (aqui já estamos em fase de Harmonia plenamente instalada). Neste ponto, façamos ouvir a voz de Fourier, pois qualquer transposição ou síntese o trairia: “O objetivo será excitar em Valère não uma paixão de amor direto por Urgèle, mas uma inclinação de gratidão, afinidade indireta, laço neutro que propiciará o amor e conduzirá à mesma meta. Urgèle obterá Valère pela pura afeição. Seus 80 anos não serão obstáculo algum para

Valère, habituado com Urgèle desde pequeno; a juventude é destemida no amor quando dispõe de estímulos suficientes; e de começo, Valère declara a Urgèle que se sentiria feliz se pudesse retribuí-la por tudo o que recebeu. Ele não se tornará uma amante habitual para ela, mas ela terá alguma parte em sua cortesia; isso será para Urgèle uma conquista desembaraçada de interesse, de motivo sórdido, e bem diferente daquelas que pode fazer hoje uma mulher de 80 anos, que só obtém os favores de um jovem à força do dinheiro, impedida de obter qualquer AMOR COMPOSTO, laço suficiente para a alma e para os sentidos”.<sup>6</sup>

Fourier acrescenta, é verdade, que na Harmonia a velhice apresentará um viço incomum, e que nela haveria uma legião de Ninon de Lenclos<sup>7</sup>; é verdade também que o exemplo dado aqui concerne apenas a um grupo restrito — o menor deles, de duas pessoas — e que *O novo mundo amoroso* oferecerá, em termos de especulação sobre os grupos, arranjos de potência muito maior (pensemos no “casal angélico” de Narciso e Psyché que, oferecendo-se a todos os insatisfeitos, pratica a “caridade amorosa” que é corriqueira na Harmonia, assim como nas diversas “orgias” favorecidas pelas “cavalarias errantes” e o serviço do “faquirado”).

Mas tudo se encontra no exemplo dado, o qual gravita em torno desta ideia fundamental, oposta à obsessão civilizada de que o amor é uma entidade monolítica, inalisável; ao contrário, ele é simultaneamente passível de ser decomposto e composto, quer dizer, ele pode ser induzido ao se associar a outras paixões, as quais absorvem os obstáculos e o reforçam. *Composição* é a palavra-chave dos envoltimentos passionais. A relação de Urgèle e

Valère seria falsa ou um engodo, mera barganha, se o amor que dela emerge consistisse numa paixão exclusiva funcionando isoladamente, isto é, se ele não fosse — em seu princípio e imediatamente —, uma paixão envolvida e envolvente<sup>8</sup>. Como qualquer outro, aliás. Porém, à mais alta potência. É óbvio que, para compreender e adotar estes “cálculos” da Harmonia, nunca se deve partir de nossa concepção de amor, solitário e excepcional. Entre nós, o amor não passa de um germe, um monstrengo em pleno desenvolvimento na multiplicidade de seus aspectos — entendamos que em Fourier são levadas em conta todas as “exceções” ou “manias” que não subordinam o prazer ao exercício de uma sexualidade suposta como natural.

Foi por isso que os fourieristas censuraram Fourier, pois tais visões ultrapassam sua compreensão e sua esclerose moral (o que, aliás, entre fourieristas ou não, só tem piorado até agora).

No entanto, — e aqui concluo — sua censura só tem acumulado desvantagens. Ela os fez preferir, no mecanismo dos envoltimentos amorosos, o “material”, escandaloso demais, em favor do “espiritual” ou afetivo, que é uma mola igualmente poderosa, com as “ilusões criadas” que a acompanham. De resto, esta escolha talvez não seja desprovida de paradoxo e humor, se compreendermos que a incomparável originalidade transgressiva de Fourier vem menos da “liberação sexual”, que ele propõe, que do deslocamento praticado no próprio conceito de amor, da sua explosão ou dispersão, paralela àquela que o leque passional provoca sobre o eu, o sujeito dos filósofos. Oportuna neste caso, essa cegueira permitiu que os leitores de um número de *La Phalange* [*A Falange*], em 1850, fossem presenteados com a publicação do manuscrito

“Sérisophie” [“Serisofia”] onde, finalmente, tudo é dito a respeito da potência explosiva do *envolvimento amoroso*; sob o disfarce de gozo espiritual, porém. O que só realça o sabor. No capítulo XX, sob o título “Impéritie de la civilization” [“Imperícia da civilização”], encontramos uma passagem sobre a condição dos idosos e os remédios que poderiam responder à privação do amor, essencialmente caracterizada pela ruptura da ligação amorosa entre a juventude e a velhice, bem como o tipo de “caridade amorosa” que isso exige<sup>9</sup>.

Talvez na mais viva conformidade com o pensamento profundo de Fourier — para quem o material, ainda que sempre visto como “mínimo” exigível, não passa de uma condição, não uma plenitude — o acento é colocado sobre a amizade e as ilusões criadas do “ramo afetivo”. Entre essas ilusões, intervém principalmente a “confidência”, a curiosidade ligada às intrigas.

Se não é sempre que o velhote solicita gozar corporalmente, por outro lado, e acima de tudo, não quer ser excluído e, entre seus maiores prazeres, estima o de ouvir os “cacarejos de amor”, de se intrometer nas intrigas. O que só pode ocorrer se soubermos passar do simples ao composto, se o amor deixar de ser concentrado, como acontece na civilização, na posse física, tornada o único valor real, relegando todo o resto ao desprezo. O que o *Novo mundo amoroso* chama de “celadonia”, a parte espiritual, recebe elogios hipócritas dos civilizados que, na verdade, a espezinham.

“Quanto amor cabe de direito aos velhotes?” Sabemos que é assim que Balzac intitula um capítulo de *Esplendores e misérias das cortesãs*. Retrospectivamente, o mundo

amoroso de Fourier parece ter sido escrito em contraponto e ter formado por antecipação — pois precede o romance em algumas décadas<sup>10</sup> — sua réplica e contrapartida. Para obter os favores da juventude, os velhotes não terão mais necessidade de torná-la venal; para outros serviços (“exercícios”, escreve Fourier), eles colocarão em jogo as molas da ambição e da amizade, “cada mocinho ou mocinha (15 a 19 anos) verá nos velhotes da Tribo uma classe de amigos íntimos, dos quais desejarão o perfeito contentamento”, pois serão vistos como conselheiros e confidentes.

Compreendamos que, para os velhos da Harmonia, a fruição dessas intrigas de amor, “ao menos na forma passiva, no papel de espectadores e confidentes bem informados”, não seria um prêmio de consolação. Sob a condição de que a *caridade amorosa* garanta o “mínimo” material, há nesta “passividade” — que a civilização deturpa — todo o sal, todo o refinamento de tom da nova sociedade que Fourier prefigura, embora a retire da civilização, que em tudo rejeita. Ele é o analista minucioso das parcelas de verdade, das fagulhas de felicidade que, nas poesias e romances, nas obras de arte e de beleza deste mundo (“promessa de felicidade”, segundo Stendhal, no qual Fourier deixou uma profunda marca), num lampejo, *se difratam*<sup>11</sup>.

Eu concluo por um vislumbre desse tom que confere à velhice a sabedoria e o refinamento das velhas marquesas balzaquianas: “Mas vamos argumentar sobre uma ordem de coisas em que a crônica romântica estará em todos os seus mínimos detalhes, tão bem conhecida pelos idosos quanto é hoje a crônica dos debates legislativos e políticos. Nessa nova ordem, eles reconhecerão rapidamente que o exame das gazetas ou cacarejos de amor, quando variados

e ardentes, tornam-se para o espírito um alimento tão útil quanto aquele dos cadernos de política. Será um verdadeiro jejum [*sic*] do espírito, e na Tribo nos ateremos a isso tanto e mais do que hoje ao ler o jornal, porque geralmente vemos apenas a máscara dos diplomatas, que figuram em política como gente jovem nos amores, em que tudo é fingimento. Quão mais [forte] será o interesse quando pudermos nos orgulhar de sabermos os pormenores da verdade quase exata a cada manhã, salvo algumas minúcias a desvendar, e cuja obscuridade será útil para alimentar a intriga dos curiosos.

Dirão que esta curiosidade é um alimento pueril para um velho e que ele deve se contentar com as notícias da lei e do comércio?<sup>12</sup> Mas quando não houver mais nem lei nem comércio, do que a décima paixão (o amor) deverá se alimentar?”

“Sonho com uma idade da curiosidade”, escreveu Michel Foucault em algum lugar<sup>13</sup>. Não seria nos velhotes da Harmonia societária que ele precisaria procurá-la?

Tradução do francês por Eder Amaral.

## Notas

<sup>1</sup> “Vieillards d’harmonie” in *Le Portique*, Revue de philosophie et de sciences humaines, n. 21, 2008, (Dossier Les Âges de la vie). Disponível em: <http://journals.openedition.org/leportique/1733>.

<sup>2</sup> Para informações mais amplas a respeito da sociedade harmoniana de Charles Fourier, recomendo a obra recente de Arrigo Colombo, *La Società amorosa* (Lecce-Bari), traduzida para o francês por Marie-Josèphe Beauchard sob o título: *La Société amoureuse*, Paris, L’Harmattan, 2004.

<sup>3</sup> Gabriel Matzneff, *Le Taureau de Phalaris*, Paris, Les Éditions de La Table Ronde, 1987. (artigo “vieillesse”, p. 284); *Mamma li Turchi*, Paris, La Table Ronde, 2000, p. 196 e seg.; e ele contrabalança a interpretação clássica de Cícero, demasiado puritana, através de referências muito mais matizadas, no mesmo autor que “propõe, ao contrário, que os adolescentes dotados de boa natureza experimentem os sentimentos mais ternos pelos sábios velhotes que os guiam no caminho da virtude”. Um caminho que “passou necessariamente por sua cama”, precisa Matzneff. Quão bem isso prenuncia todo Fourier!

<sup>4</sup> No original, *Âgencements* [*sic*]. Trata-se de um neologismo. Schérer faz uso da coincidência, em francês, entre *âge* (idade) e *agencement*, aplicando o acento da primeira palavra à segunda. Embora intraduzível, o neologismo denota explicitamente o “agenciamento das idades”. Aproveito aqui outra feliz coincidência léxica e semântica: além do correspondente literal que utilizamos em diversas ocorrências do texto (agenciamento), *agencement* também pode ser traduzido por arranjo, palavra cara a Fourier em seu repertório botânico-industrial e na formulação dos envoltimentos amorosos. Daí “arranjo de idades”. (N.T.)

<sup>5</sup> No original, *ralliement*. Palavra que oferece dificuldades particulares à tradução para o português. Literalmente, denota “reunião, ponto de encontro, comício”. De imediato *encontro* amoroso pode parecer mais pertinente; contudo, ao se sobrepor à expressão de uso comum, prejudica a aceção fourierista de arranjo, agenciamento, implicada pela combinatória passional, que não visa o encontro entre as pessoas, mas entre as paixões. Outro caminho, já traçado no cinema de Pasolini (a quem Schérer dedicou muitos escritos) e poeticamente condizente com os propósitos do texto seria *comício* amoroso — como em *Comizzi d'amore*, do cineasta italiano, filme em que o questionamento dos amores civilizados ressoa inteiramente. Porém, em português a palavra está soterrada por aceções que também atrapalham a fórmula fourierista. Além disso, tanto Fourier quanto Schérer fazem uso do verbo *rallier* (juntar, alcançar, reunir), que na forma pronominal (*se rallier*) torna-se “aderir a”, “esposar” (opinião), e do adjetivo *ralliant*, o qual nos oferece o caminho — melhor, o desvio mais propício: dadas as dificuldades e em função necessidade de fazer corresponder nome, ação e qualidade, encontramos no trio *envolvimento / envolver / envolvente* a solução que nos pareceu mais acertada, tanto pelo trânsito já conhecido da palavra pelo terreno amoroso (na forma do pacto, da trama entre os que “estão

## velhotes da harmonia

envolvidos”), quanto nas imagens laterais do “envolver-se”, da atmosfera “envolvente” da sedução. (N.T.)

<sup>6</sup> Citado por Butor, loc. cit., p. 64; correspondendo ao trecho: *Amour-lacune forcée...*, na reedição da *Anthropos*, p. 324.

<sup>7</sup> Ninon de Lenclos (1620-1705), cortesã, escritora e patrona de artes francesa, conhecida pela agitação intelectual e amorosa do seu salão literário. (N.T.)

<sup>8</sup> No original, *une passion ralliée et ralliante* (cf. nota referente à fórmula fourierista do *ralliement d’amour*). (N.T.)

<sup>9</sup> Charles Fourier. *Œuvres complètes*. Paris, *Anthropos*, t. XII, p. 217.

<sup>10</sup> O romance de Balzac foi publicado originalmente em 1838. *O novo mundo amoroso*, por sua vez, foi concluído entre 1816 e 1818. Entretanto, sua primeira aparição ocorrerá apenas em 1967, na coleção da *Anthropos*. (N.T.)

<sup>11</sup> “Esta presença de outro lugar, esta aura utópica onipresente, eu a entendo no sentido em que Charles Fourier falava da difração da luz: franjas luminosas transbordando um disco negro. [...] A luz difratada se torna uma franja multicolor quando seu feixe é assombrado” (René Schérer, “*Un esprit d’utopie*” in *Présence de Guy Hocquenghem*, Paris, L’Harmattan, 1992, p. 62). (N.T.)

<sup>12</sup> No original, *de la Charte et du commerce*. (N.T.)

<sup>13</sup> Michel Foucault, “La vie des hommes infâmes”, *Les Cahiers du chemin*, 1977, n° 30. [A incerteza de Schérer quanto à localização da referência não é fortuita. Embora remeta ao conhecido texto de Foucault, a alusão à “idade da curiosidade” encontra-se, de fato, na entrevista intitulada “O filósofo mascarado” de 06/04/1980 (ed. bras. In: *Ditos e Escritos, vol. II — Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*, tradução de Elisa Monteiro, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2005, pp. 299-306) (N.T.)].

*Resumo*

No “novo mundo amoroso” de sua “harmonia societária”, Charles Fourier reserva aos velhos um lugar especial. Veneráveis, reverendos e reverendas, patriarcas e matriarcas, mulheres e homens, sempre considerados em igualdade, desfrutam, dos 75 aos quase 140 anos, de uma longevidade crescente pela excelência dos alimentos, da ginástica, da ausência de preocupações e graças às atividades coletivas constantemente renovadas. Fourier reserva aos velhos as mais belas posições e as mais belas funções, e não lhes retira nem a paixão do amor, nem as possibilidades de satisfazê-la. A originalidade de sua utopia é que ela não se restringe ao amor entre velhos, admitindo sua circulação em direção aos jovens que rivalizam em “devoção amorosa”, a mais cobiçada das honras societárias. A separação e à hostilidade das classes de idade em civilização, Fourier substitui seu acordo, em que maior alegria dos velhotes será obter a confiança da juventude e atrair a confidência dos seus próprios amores.

*Palavras-chave:* Amor; velhice, juventude, Harmonia.

*Abstract*

In the “new amorous world” of his “societal harmony”, Charles Fourier reserves for the elderly a special place. Venerable, reverend and reverend mother, patriarchs and matriarchs, women and men always considered as equal, enjoy, from 75 to almost 140 years old, an increasing longevity due to the excellence of food, of gymnastics, the absence of worries and thanks to the constantly renewed collective activities. Fourier reserves for old people the most beautiful positions and the most beautiful functions, and he does not take away either the passion of love or the possibilities to satisfy it. The originality of his utopia is that it isn't restrained to love among old people, admitting its circulation towards young people who compete for “amorous devotion”, the most coveted of societal honors. The separation and hostility towards the elderly groups in civilization, Fourier replaces with his agreement, in which the greatest joy of the old men will be to obtain the confidence of the youth and to attract the secrets of their own loves.

*Keywords:* love, old age, youth, harmony.

***Hoary of Harmony, René Scherer***

*Indicado para publicação em 25 de março de 2020.*